

“Águias do Céu no seu mundo dileto”. Poesia Decadista-Simbolista e Experiência Social de Trabalhadores em Fortaleza no Final do Século XIX

Gleudson Passos Cardoso*

Résumé: Présente étude il se propose analyser la trajectoire et la production intellectuelle de Lopes Filho (1868 - 1900) et Lívio Barreto (1870 - 1895). Leurs oeuvres et expériences de vie ont été importantes par la participation d'elles près de la scène littéraire et intellectuelle de Fortaleza à la fin du siècle XIX. Les deux sont compris dans ce groupe d'auteurs qui se sont alignés à l'école decadentist-simbolist. Dans le Ceará, ils ont été les pionniers de cette esthétique. La prééminence à ce style s'est due être un des champs sémantiques où s'est observée la production littéraire de travailleurs lettrés, impliqués avec le circuit intellectuel au temps, à présenter leurs lectures sur cette réalité sociale. Dans que il se reporte à l'expérience sociale des couches travailleuses de cette période, il se sait que quelques personnes avec habilité nous des sujets littéraires se sont proposés à participer de la vie publique et présenter leurs lectures sociales près du public lecteur.

Palavras Chaves: Trabalhadores - Primeira República – Decadentismo-Simbolismo

Mots clés : Travailleurs - Première République – Décadentism-Symbolism

Este texto se propõe a analisar a trajetória e a produção intelectual de Lopes Filho e Lívio Barreto. Suas obras e experiências de vida foram relevantes neste estudo por várias razões. Primeiramente, pela participação deles junto à cena literária e intelectual de Fortaleza no final do século XIX, quando compuseram o quadro de fundadores da Padaria Espiritual (1892 - 1898). Em segundo, por suas origens e trajetórias de vida estarem ligadas à experiência social das camadas menos favorecidas da população cearense. Por fim, em virtude das suas produções literárias se reportarem às respectivas vivências, constatou-se os campos de tensão, relações de poder, projetos e frustrações experimentadas por alguns homens de letras, dentre outras parcelas da sociedade brasileira naqueles primeiros anos de República. De acordo com os seus contemporâneos e a historiografia literária, ambos estiveram compreendidos naquele grupo de autores que se alinharam à escola decadentista-simbolista. No Ceará, eles foram os pioneiros dessa estética. O destaque a esse estilo se deveu por ser um dos campos semânticos em que se observou a produção literária de trabalhadores letrados, envolvidos com o circuito intelectual à época, a apresentar suas leituras sobre aquela realidade social. A documentação manuseada foi essencialmente as obras literárias destes autores,

* Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará/ UECE, Doutorando do PPGH da Universidade Federal Fluminense/ UFF e membro da Academia da Incerteza.

intercaladas com outras fontes, dentre elas, os livros de memória, jornais literários, imprensa de época e documentos oficiais.

Sobre a vida e a obra do poeta Lopes Filho, foi possível perceber as condições de produção literária, estratégias de publicação e experiência social de trabalhadores letrados em Fortaleza. O seu livro, *Phantos*, é uma brochura de 70 páginas, com 46 poemas, a maioria muito singela, construções modestas, por assim dizer, sem grandes pretensões artísticas e ousadias enquanto obra de arte. Foi publicado graças à cota que os amigos da Padaria Espiritual dispensaram à publicação dos sócios. Antônio Sales, idealizador daquela agremiação e “padrinho” de Lopes Filho no mundo das letras, na condição de prefaciador tratou de fazer a blindagem da obra frente àquele grupo de escritores que teceu comentários severos aos versos do *Phantos*, sobretudo, os literatos que se alinharam à estética parnasiana.

Sobre o repertório de leituras e as matrizes estéticas que inspiraram Lopes Filho, na “Carta-Prefácio”, Antônio Sales comentou:

Bem se vê que leste Verlaine, Mallarmé, Moréas, Nobre e Eugênio de Castro, esses alucinados vates do fim do século, apóstolos da escola estranha do Decadentismo, que invadiu também a literatura dramática, fundando o Theatre libre de Paris, e domínios da Música, da Pintura e da Escultura, criando a seita dos Impressionistas (SALES IN: LOPES FILHO, 1893: X e XI.) [grifo do autor].

O prefaciador conheceu bem as influências herméticas, musicais, rítmicas e simbólicas que os autores mencionados tiveram sobre o amigo Lopes Filho. Ali, ele estampou os nomes dos principais representantes franceses e portugueses. A princípio, sabe-se que o movimento decadentista-simbolista teve origem na França, no segundo quartel do século XIX. No campo da pintura, ele esteve relacionado aos impressionistas, como bem disseram as linhas supracitadas, mas, também, as propostas do *Art-Nouveau* também na escultura e na arquitetura (GOMBRICH, 1995: 514 – 533 e MACKINTOSCH, 1977). No entanto, para o estudo presente, interessa saber como Lopes Filho, na condição de agente social, oriundo dos setores menos favorecidos, residente de um subúrbio de Fortaleza e inserido numa rede de sociabilidades intelectuais, se percebeu enquanto trabalhador e homem de letras, a entender em que medida seus textos poéticos deram testemunhos da sua experiência social, conforme ele próprio discorrera, apontando a sua leitura sobre os acontecimentos históricos do período. A “Nota Final” do *Phantos*, uma espécie de “posfácio”, traz um depoimento do autor sobre a sua vida e obra, o que teria motivado a escrevê-la.

(...) aos amigos da Padaria Espiritual toda a minha eterna gratidão, pelo fraterno concurso, que dispensaram-me e cujo incentivo poderosíssimo foi o primeiro grito de coragem que animou-me a aparecer em público (...) Os versos que ora publico, nasceram muitos deles, sob a influência mórbida da negra melancolia dos exilados no Amazonas, a lutar pela vida, doente, nostálgico, entre o choro e a blasfêmia, tive necessidade de escrever, transformar no cristal rutilo e santíssimo do verso as lágrimas que meu desespero fazia derramar: eis, como se fez um poeta... (LOPES FILHO, 1893: 67 e 68)

De maneira lúcida e objetiva, o autor discorreu sobre os acontecimentos que perpassaram o processo de realização do livro, além da sua intenção. Foram destacados os momentos determinantes: a participação no círculo letrado em que ele esteve inserido, em meio aos escritores da Padaria Espiritual, o lugar da escrita, o que teria motivado a escrever, a intenção da obra. Sobretudo, dentre outras vivências na sua trajetória até aquele momento, também estão relatadas ao longo do texto sua condição de trabalhador, sua estada em Belém, naquele momento, a “metrópole da borracha”, onde teria vivenciado, juntamente com outros, as tensões cotidianas típicas das cidades envolvidas com a economia dos seringais.

Conforme atestam dados biográficos, entre 1891 e 1892 o autor fez morada em Belém. Naquele momento, caravanas de emigrantes de todas as posições sociais migraram de várias partes do Brasil e do mundo para a Amazônia, entusiasmadas com as possibilidades de melhores condições de vida. Os estados da região Norte, agraciados com a economia do látex, receberam levas de retirantes nordestinos que estavam a sofrer com os impactos negativos das estiagens de 1889 e 1904. De acordo com os jornais de época, um número considerável de cearenses deixou o estado rumo aos seringais, o que teria gerado até argumentos para animar as contendas entre os grupos políticos locais, na disputa pela administração pública.

A emigração para as “terras do Norte” foi entendida como uma possibilidade almejada por muitos, a fim de superarem as limitações impostas pela realidade sócio-econômica do período. Não somente depauperados, mas, comerciantes, bacharéis, jornalistas, dentre outros segmentos, também vislumbraram a possibilidade de serem agraciados pela fortuna e pela sorte. Sob o mesmo influxo, alguns intelectuais cearenses com certa notoriedade na capital também migraram para as cidades da região amazônica. Themístocles Machado (colega de Lopes Filho na Padaria Espiritual e no Centro Literário) migrou para o Amazonas em 1895, chegou a ocupar o cargo de Promotor de Justiça Pública em Manaus e foi redator dos jornais *Federação* e *Amazonas Comercial*. Tempos depois, ele se afastou da vida pública por conta das desavenças políticas, passando a exercer a advocacia naquela capital (STUDART, 1915: 126 e 127). Outros intelectuais migraram para a região Norte em virtude

das perseguições políticas, a exemplo de Justiniano de Serpa (também do Centro Literário e dissidente do CRC), que fugiu das retaliações promovidas pela ascensão da família Pompeu Accioly no poder. Sabe-se que, naquela região, outros letrados se destacaram, a exemplo de Euclides da Cunha que, em 1904, já reconhecido enquanto talento intelectual chefiou a equipe brasileira da “Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus”, a fim de demarcar os limites entre o Brasil e o Peru (SANTANA, 2000: 901 - 917).

Assim como eles, imigrantes de várias partes do Brasil e do mundo foram à região amazônica com intuito de fazer fortuna. Mas, a sorte esteve ao lado de poucos, sobretudo, em virtude das oligarquias locais e dos grandes atravessadores que chantageavam os trabalhadores pobres e agregavam as classes médias em torno do seu universo de valores. Até mesmo estadunidenses e ingleses, respectivamente, os representantes da *Madeira & Mamoré Railway Company Limited* e da *Public Works Construction Company*, que primeiro investiram na construção da Ferrovia Madeira-Marmoré, em menos de dois anos (1871 - 1873) se desiludiram com tamanhas adversidades enfrentadas na floresta, desde as doenças tropicais, ataques indígenas, a demora na chegada de mantimentos, remédios e materiais para a construção, até as condições inadequadas para alojamentos e insubordinação dos operários recrutados. Destarte, não foi a esmo que na última página do seu livro, a “Nota Final” do *Phantos*, Lopes Filho fez alusão aos sofrimentos (luta pela vida, doença e nostalgia) de seus conterrâneos e de outros aventureiros desiludidos naquelas terras.

Como se atesta, a realidade de Lopes Filho foi bem diferente daqueles homens de letras. Sem vínculos com os grupos políticos e, certamente, não portando curso superior¹, o poeta foi na condição de mais um aventureiro, dentre tantos outros indivíduos, letrados ou não, que aspiraram melhores posições e fazer fortuna naquelas paragens. Porém, assim como aos inúmeros desbravadores que se arriscaram naquele mundo desconhecido, muito cedo a sorte lhe abandonou em meio ao hostil e tenebroso. No poema “Voltando”, datado nas “Águas do Amazonas, março de 1892”, Lopes Filho deixou embalar a sua triste lira.

Volto; venho doente; quase morto!
Quem sabe se ainda abraçarei meus pais?
Meu coração que sofre sem conforto,
Não te ensolvas em lágrimas e ais!

O que sonhei eis por terra transformado
Em cruéis e dantescas amarguras,
No mais aflito e desolado estado!

¹ Nas reminiscências, artigos ou livros que fazem alusão à biografia de Lopes Filho, nenhum faz menção à sua vida escolar.

Fantasia! Esperança! ó Sonho alado
Dai-me as invulneráveis armaduras
Que me cingiste outrora no Passado!

Deus do exílio! meu anjo tutelar,
Levai-me em paz à minha terra amada,
Quero meus Pais e Irmãos inda abraçar
Para fazer a *última jornada*...

[grifo do autor] (“Voltando” IN: LOPES FILHO. Op. Cit: 44.)

Sobre a vida que Lopes Filho levou durante a sua estada em Belém, não há registros que possam revelar maiores detalhes do(s) seu(s) vínculo(s) empregatício(s), qual(is) atividade(s) de trabalho ele integrou, seus contatos com os letrados da capital paraense etc. Acredita-se que ele deva ter exercido algum tipo de trabalho urbano, no comércio, o mais provável, pois, os seringais, geralmente eram reservados àqueles cujo desespero os remetia ao confinamento e ao trabalho forçados na floresta. Porém, como bem disse o próprio autor, foi durante a sua passagem por Belém que ele “se fez poeta”. O que se sabe de fato é que naquele momento ele praticou o exercício da literatura, a obter inspiração para escrita da sua obra. Sabe-se que adversidades sob diferentes matizes assolaram a vida dos trabalhadores pobres nos estados da região Norte do Brasil, sobretudo, aos que se destacaram floresta adentro, rumo aos seringais. Ali, as relações de produção foram baseadas no “trabalho cativo”, onde o “patrão” (dono do seringal), arrendava certa área para cada seringueiro colher o látex. Como se sabe, as mercadorias consumidas pelos seringueiros eram paga com o saldo da produção, que dificilmente daria para pagar suas dívidas contraídas na venda do proprietário, que era simultaneamente dono do seringal e do comércio na respectiva unidade produtiva (SANTOS e MUAZE, 2002. p. 36 - 54).

Assim como Lopes Filho, Lívio Barreto, seu amigo de Padaria Espiritual, também vivenciou essas tensões no ambiente literário e no meio social. Marcada por muitos desencontros com as oportunidades, similares àquelas apreciadas em linhas anteriores, sua trajetória de vida colecionou muitas agruras, o que lhe permitiu uma leitura peculiar daqueles tempos. Segundo amigos e biógrafos, a obra de Lívio Barreto foi também um relato da sua vivência. Tão “amante do inefável” e “mártir da dor” quanto Lopes Filho, ele foi um daqueles letrados que se adequou bem ao perfil de “maldito”. Esta experiência está presentes na sua obra, *Dolentes*, livro organizado por ele ainda em vida, mas publicado pela Padaria Espiritual em 1897, dois anos após a morte do autor, sob a iniciativa do amigo de infância e também padeiro Waldemiro Cavalcante.

Segundo a datação dos poemas, o livro é uma coletânea de textos escritos entre 1892 e 1895, que sugere o momento do seu regresso ao Ceará depois da estada em Belém e passagens por Granja, Fortaleza e Camocim. Sua vida foi modesta, porém, movida por uma febre insofismável de projeções e expectativas em torno do mundo letrado que, lamentavelmente, lhes foram frustradas. Ele enfrentou diferentes percalços ao longo dos seus dias, sobretudo, os contrastes gritantes entre os sonhos e as limitações do meio social. As privações lhes foram muitas, a começar pela vida material, reduzida a poucos objetos descritos em seus versos (cachimbo, rede, lamparina, livros), sempre encontrados num quarto destinado aos caixeiros de balcão. Foi um homem simples e de hábitos equivalentes, sem *dândismo* algum, apesar da altivez no temperamento e dos horizontes por ele imaginados. Os amigos o consideraram um insubmisso, diante das convenções literárias ou da própria condição de trabalho a que ele teve que se submeter, preso ao balcão do comércio. Lívio Barreto teve uma experiência bastante diferente daqueles “intelectuais de gabinetes” ou de “profissão”, mencionados na historiografia (NEEDELL, 1993: 209 – 269; CARVALHO, 2003: 63 – 92 e RODRIGUES, 2003).

Ele “nasceu na fazenda do Angicos, distrito de Iboçu, da comarca de Granja (...) a 18 de fevereiro de 1870” (TEÓFILO, 1895: 01). Os tempos de menino foram vividos no sertão norte do Ceará, numa localidade do município de Granja, onde ele desde cedo se contagiou da liberdade irradiada daquela paisagem rural. Na infância, ele teve que conviver com a estiagem de 1877/1879 e as intervenções urbanas no centro de Granja, onde passou a residir a partir dos seus oito anos de idade, quando, em virtude das contendas partidárias, sua família fora “expatriada” da aldeia onde nasceu, tendo que se refugiar em Granja.

Após aquele incidente, uma sucessão de desalentos teria acompanhado aquela criança até os últimos dias da sua vida. De início, a sua precoce inserção no mundo do trabalho, pois, proveniente de trabalhadores modestos saídos do meio rural, a sobreviver com privações naquele pequeno município, a labuta recaiu não só ao chefe de família, mas também à prole. Como é de se imaginar, para a realidade sócio-educacional à época, muitas crianças não tiveram escolha, tendo que saborear o fel das privações desde muito cedo, abandonando os estudos para ajudar nas despesas domésticas. Os conhecimentos que Lívio Barreto adquiriu na instrução primária, realizados no Gabinete de Leitura de Granja, teriam lhe proporcionado não somente as habilidades para os preceitos básicos exigidos nas atividades do comércio, junto ao ofício de caixeiro, mas, também despertado sua “audaciosa imaginação de poeta” (TEÓFILO. Op. Cit). Com a publicação do jornal *Iracema*, ele teria mostrado “sua decidida

vocação para as letras, publicando versos e escrevendo crônicas humorísticas” (Idem. *Ibidem*).

Sobre as condições de trabalho nos centros urbanos daquele período, com exceção dos serviços prestados por profissionais liberais (bacharéis, médicos e engenheiros, em maioria), boa parte das atividades esteve relacionada às “pequenas profissões”, ligadas ao comércio, às fábricas de beneficiamentos, ao setor portuário, aos melhoramentos urbanos e, sobretudo, aos trabalhos informais. Concernente à inserção do autor no mercado de trabalho brasileiro no último quartel do século XIX, pode-se dizer que Lívio Barreto participou daquela “fase inicial da formação” da classe operária no país, em que ocorreram profundas modificações no sistema de transportes e nos serviços ferroviários”, quando “a exportação assumiu proporções consideráveis, gerando um significativo excedente econômico” (FAUSTO, 1983: 13 -36). Quanto ao ofício de caixeiro, profissão bastante requisitada nas atividades comerciais, era equivalente a um “escravo branco”, “criado de servir”, no dizer de Rodolfo Teófilo (1927). Geralmente, eles moravam com o proprietário do estabelecimento comercial, num quarto aos fundos da loja ou da casa deste, a realizar serviços domésticos para além das obrigações no comércio (Idem). É válido lembrar que, naquele tempo, os protestos contra as degradantes condições de trabalho no comércio, dentre outras reivindicações no âmbito da instrução, motivaram as campanhas em prol de melhorias para os comerciários, em grande parte tomada à frente pela Phenix Caixeiral (1893) (PEREIRA, 2001).

Naquela realidade, Lívio Barreto não portou alguns predicados minimamente exigidos para a escalada no mundo das letras, como assim ocorreu a muitos intelectuais do período. Além do ingresso num curso superior, o que lhe foi impossível, sendo-lhe reservada apenas a instrução primária, dentre outros aspectos, o autor não teve como usufruir do favorecimento do vínculo familiar, das relações nepóticas, clientelistas ou mesmo da aproximação com algum grupo político, tão necessários para adentrar no restrito campo das letras, sobretudo, na realidade cearense. Para ele, tornou-se difícil a inserção naquele meio em que a teia dos poderes locais constituídos absorveu grande parte dos letrados em favor dos seus caprichos, como bem ocorreu com tantos apaniguados ou favorecidos que se aliaram aos homens de política, seja na esfera da imprensa, da burocracia ou dos partidos. De acordo com seu amigo, “Altivo como os elevados granitos que põem sentinela à nossa cidade natal, o poeta preferia pendurar a lira nas jeremataias que enverdecem as margens do Coreau a descantar submisso nas arcadas das habitações dos poderosos” (CAVALCANTI, 1895.). Em alguns momentos, Lívio Barreto deixou escapar em sua lira como ele se percebeu no mundo,

a sua inserção e o seu lugar na sociedade à época. O soneto “Só” descreveu uma cena do seu dolorido cotidiano, após o recolhimento no íntimo da sua alcova.

Que luta atroz a que eu sustento, quando
À noite velo no meu quarto, e escuto
O coração gemendo e blasfemando,
Órfão de tudo, sob os véus do luto.

Lá fora o vento passa esfuziando;
Cai o orvalho da noite; aqui, enxuto,
Lento, o silêncio desce, amortalhando
O meu silêncio atroz e absoluto.

Abro um livro, passeio, fumo, escrevo,
Medito e sonho; e a minha noite levo
Insone, e deito-me ao romper da aurora.

Ergo-me pálido e desesperado
Do sono cataléptico acordado,
E vou, maldito, pela vida afora! (“Só” IN: BARRETO, 1897: 92)

A sensação de abandono, não pertencimento a algum espaço, instituição ou grupo esteve presente em várias passagens de sua obra. O confinamento insular dos seus desejos parece remeter a uma descrença com a sociedade e os valores em sua volta. Este descontentamento com a realidade cotidiana, bem como, a inquietude com as suas condições de vida, dentre outros aspectos, ilustrou em sua obra diferentes passagens da sua experiência.

Destarte, os autores analisados neste texto não tiveram tempo suficiente para deixar uma produção intelectual vasta, que permitisse perceber a “evolução” sistemática do seu pensamento. Suas obras foram tão breves quanto suas vidas, apenas produções momentâneas e circunstanciais de suas rápidas trajetórias sobre a terra. Entretanto, a relevância de suas trajetórias e obras literárias deveu-se à possibilidade de entender como aqueles homens de pouca instrução, ligados aos segmentos de menor prestígio social, mas, inteirados dos temas literários, com domínio da escrita e atuantes na cena intelectual, se perceberam enquanto agentes sociais e procuraram se inserir nos debates correntes da ordem do dia. Segundo o que se leu, a documentação manuseada deram testemunho das inquietações sociais vividas por cada um deles. A promiscuidade do circuito intelectual com as esferas dos poderes constituídos, os desejos coletivos em torno do bem-estar, as lucubrações imaginadas em virtude do discurso arrivista da República, as oportunidades inexistentes e os sonhos desvanecidos, bem como, as intervenções “civilizatórias” nos modos de pensar e agir das camadas menos favorecidas da sociedade, são forças históricas e sociais que tiveram ressonância sobre a experiência de Lívio Barreto e Lopes Filho. Em boa medida, para a

abordagem na História Social, a documentação histórica analisada leva a crer que, entre quimeras e desencantos, que suas obras foram leituras sociais sobre o processo histórico corrente naquele período, sendo eles interlocutores e agentes.

Referências Bibliográficas:

BARRETO, Lívio. **Dolentes** – Fortaleza: Edições Padaria Espiritual, 1897.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem (A Elite Política Imperial)/ Teatro de Sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTI, Waldemiro IN: *O Pão*. nº26. Ano II. 15/ outubro/ 1895.

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890 - 1920)** – São Paulo: Difel; 1983 (4ªed).

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte** Trad. Álvaro Cabral (16ª ed.) – Rio de Janeiro: LTC, 1995.

LOPES FILHO. **Phantos** – Fortaleza: Edições Padaria Espiritual, 1893.

MACKINTOSCH, Alastair. **O Simbolismo e o Art Nouveau** Trad. Vera Regina Rabello Terra – Barcelona: Editorial Labor, 1977.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical. Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século**. Trad. Celso Nogueira - São Paulo: Cia das Letras; 1993.

PEREIRA, Adelaide Gonçalves. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920** – Florianópolis: Tese de Doutorado defendida no PPGH da UFSC, 2001.

RODRIGUES, João Paulo C. de S. **A Dança das Cadeiras. Literatura e Política na Academia Brasileira de Letras (1896 - 1913)** – Campinas: EDUNICAMP; 2003.

SANTANA, J. C. B de. “Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência”. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, vol. VI (suplemento) 901-917, setembro 2000.

SANTOS, Fernando Dumas dos e MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. **Tradições em Movimento: Uma Etnohistória da saúde e da doença nos vales dos rios Acre e Purus** – Brasília: Paralelo 15, 2002.

STUDART, Guilherme. **Diccionario Bio-bibliográfico Cearense** – Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1915. Volume. I, II e III.

TEÓFILO, Artur IN: *O Pão*. nº26. Ano II. 15/ outubro/ 1895.

TEÓFILO, Rodolfo. **O Caixeiro (Reminiscências)** – Fortaleza: Typographia Minerva, 1927.